



Guerra em ponto-morto

Estados Unidos e Irã entram no terceiro mês de conflito agarrados a um cessar-fogo que apenas congela a batalha. Na frente diplomática, o horizonte aponta apenas para a reabertura do Estreito de Ormuz

» SILVIO QUEIROZ

Estados Unidos e Irã entram no terceiro mês da guerra iniciada no último dia de fevereiro por Washington, em parceria com Israel, sob a vigência indeterminada de um cessar-fogo que parece servir mais à recapacitação das partes para uma nova rodada do que para o avanço rumo a um acordo de paz abrangente e definitivo. Após três semanas de suspensão nos ataques diretos, as duas partes relutam em retomar negociações cara a cara para uma paz duradoura, e mantêm o bloqueio recíproco no estratégico Estreito de Ormuz — o que pressiona o mercado internacional de petróleo e ameaça o resto do mundo com a escassez de combustíveis.

Com as cotações do petróleo novamente em alta, oscilando acima do patamar de US\$ 100 o barril, os governos de Washington e Teerã seguem trocando acusações pelo impasse e sinalizando disposição para retomar os combates — ainda que nenhuma das partes mostre disposição para dar o primeiro disparo. Frustrada a tentativa do Paquistão de promover nova rodada de conversações a três, no último fim de semana, o chanceler iraniano, Abbas Araghchi, visitou duas vezes a capital paquistanesa, Islamabad, foi ao vizinho Omã e reuniu-se em Moscou com o colega russo, Sergei Lavrov, e o presidente Vladimir Putin.

O périplo diplomático resultou em uma nova proposta de paz, encaminhada a Washington na segunda-feira. Embora mantida em sigilo, ela prevê, segundo fontes, um cessar-fogo permanente e o levantamento do bloqueio naval no Estreito de Ormuz — o que atende às demandas de ambas as partes e do resto do mundo, que depende do petróleo exportado pela estratégia via marítima a partir do Golfo Pérsico. Recebida de início com boa vontade pelo secretário de Estado norte-americano, Marco Rubio, a proposta parecia ontem ter se chocado com a reação do presidente Donald Trump.

Jack Guez/AFP



Recusa às armas

Judeus religiosos protestam em Bnei Brak, subúrbio de Tel Aviv, contra medidas da Justiça para pressionar pela convocação universal para o Exército. "Israel, país antissemita", diz o cartaz exibido pelos manifestantes. Em meio às pressões exercidas sobre o contingente pela conjunção das operações militares contra o Irã em parceria com os Estados Unidos, e contra a milícia xiita pró-iraniana Hezbollah, no Líbano, a Suprema Corte de Israel determinou a suspensão de benefícios financeiros para os ultraortodoxos que se recusam a prestar o serviço militar, obrigatório no país para homens e mulheres. A atuação em duas frentes obriga o Exército a estender e ampliar a convocação de reservistas, e uma parcela da sociedade questiona a isenção aos que estudam em escolas rabínicas, vigente desde a fundação de Israel, em 1948.

"A última proposta do Irã abriu caminho para um cessar-fogo permanente, não um acordo de paz", disse ao **Correio** o professor de relações internacionais Gunther Rudzit, da ESPM. Ele lembra que um acordo de paz depende de uma solução definitiva para o conflito. "Como o presidente Trump não definiu bem o objetivo da guerra, fica difícil entender um acordo definitivo", observa. Ele destaca como ingrediente fundamental o

destino do programa nuclear da República Islâmica: os EUA se firmam na posição de que o país não pode ter no horizonte a possibilidade de obter armas atômicas; a proposta de Teerã prevê que as discussões sobre o tema sejam congeladas.

"Os dois lados estão se recompondo para uma nova rodada de combates", analisa o professor da ESPM. Nesse quadro, a pausa de três semanas serve não apenas ao rearmamento e

reequipamento das forças, mas também a iniciativas que tendem a criar fatos consumados que sirvam como peso próprio em futuras negociações. No caso do Irã, uma delas é a tramitação de um projeto de lei que coloca Ormuz sob a autoridade das Forças Armadas, determina o pagamento de um pedágio pelos navios, a ser paga em reais iranianos, e veta a passagem de navios israelenses.

"Não podemos tolerar que os

iranianos tentem instaurar um sistema no qual eles decidam quem pode utilizar uma via marítima internacional e quanto é preciso pagar para usá-la", respondeu o secretário de Estado Marco Rubio. O chefe da diplomacia dos EUA reiterou a exigência quanto ao programa nuclear. "Qualquer acordo, qualquer entendimento que seja alcançado, deve impedir, definitivamente, que (o Irã) busque uma arma nuclear".

Eu acho...



Arquivo Pessoal

O Irã não está pressionado. O regime iraniano está com a vantagem estratégica nesse conflito, entendeu muito bem que tinha de transformar uma guerra militar em uma guerra econômica, que foi o que aconteceu, e isso afetou o centro de gravidade do governo americano. Muito pelo contrário, o regime (de Teerã) vai tentar explorar ao máximo essa vantagem, mesmo que isso custe o bem-estar da população. O regime iraniano não está pressionado, neste momento, ao contrário: está pressionando o governo americano.

GUNTHER RUDZIT, professor de relações internacionais da ESPM

Cartas na manga

Em uma avaliação do conflito, a consultoria americana Doufan aposta que o Irã "acredita que o aumento dos preços do petróleo e a escassez iminente de derivados" poderão pressionar Trump a aceitar uma solução "diferente da capitulação incondicional" que estava em seus planos, ao iniciar a guerra. "Os EUA já não estão na posição de ditar sua política", afirmou à tevê estatal iraniana o porta-voz do Ministério da Defesa, Reza Taleai-Nik. "Chegou a hora de abandonarem suas exigências ilegais e irracionais".

"O governo Trump não pode, do ponto de vista político, voltar a uma guerra que é extremamente impopular entre os próprios eleitores da base Maga", pondera Gunther Rudzit, da ESPM. "O regime iraniano percebeu isso perfeitamente bem e está usando muito bem essa cartada." O porta-voz do Exército iraniano, Amir Akramania, usou linguagem semelhante para analisar a situação, em entrevista à tevê estatal. "Temos muitas cartas que ainda não jogamos", sugeriu. "As Forças Armadas e o povo iraniano podem continuar com essa guerra no longo prazo."

VISITA A WASHINGTON

Charles III pede que EUA sigam fiéis aos aliados

Aplaudido por senadores e deputados, o rei Charles III subiu ao púlpito do Congresso dos Estados Unidos, na tarde de ontem, para o primeiro discurso de um monarca no Capitólio desde maio de 1991. O soberano de 77 anos iniciou o seu pronunciamento citando o escritor Oscar Wilde: "Nós temos realmente tudo em comum com os americanos atualmente, exceto, é claro, o idioma". Charles III reconheceu que a visita a Washington ocorre em tempos de "grande incerteza" e lembrou que o conflito no Oriente Médio representa imensos desafios à comunidade internacional.

Em uma crítica velada ao presidente Donald Trump, e na presença do vice J.D. Vance e das mais altas autoridades americanas, ele pediu que os EUA permaneçam fiéis a seus aliados ocidentais históricos. Reconheceu que a "relação especial" com o Reino Unido enfrenta fortes tensões em torno das guerras no Irã e na Ucrânia. "A aliança entre ambos os países não pode se sustentar nos feitos do passado", cobrou Charles III. "Os desafios que enfrentamos são grandes demais para que uma única nação os suporte sozinha."

O britânico citou o atentado contra Trump, ocorrido durante o jantar para correspondentes da Casa Branca, no

Henry Nicholls/AFP



J.D. Vance (E), vice-presidente americana, aplaude o monarca (C)

último sábado. "Deixem-me dizer com resolução inabalável: tal ato de violência jamais será bem-sucedido", avisou, ao ressaltar que o ataque tentou fomentar ainda mais o medo e a discórdia. Mais uma vez, o rei enalteceu a amizade entre os dois povos e países. "Quaisquer que sejam nossas diferenças, quaisquer discordâncias que possamos ter, permanecemos unidos no nosso compromisso em defesa da democracia", declarou. Também destacou a relação sólida entre Reino Unido e EUA.

"O vínculo de parentesco e

identidade entre os Estados Unidos e o Reino Unido é inestimável e eterno. É insubstituível e inquebrável", disse Charles III. Apesar da tensa relação entre o governo Trump e a Organização do Tratado do Atlântico Norte (Otan), o rei elogiou a aliança ocidental na proteção aos cidadãos e aos interesses dos 32 países-membros. "O compromisso e a experiência das Forças Armadas dos Estados Unidos e de seus aliados são a essência da Otan, comprometidos com a defesa mútua, protegendo nossos cidadãos e interesses, mantendo americanos e

européus a salvo de nossos adversários comuns", afirmou. Sobre a Ucrânia, Charles III recomendou aos congressistas a expressão de "determinação inabalável" na defesa da ex-república soviética.

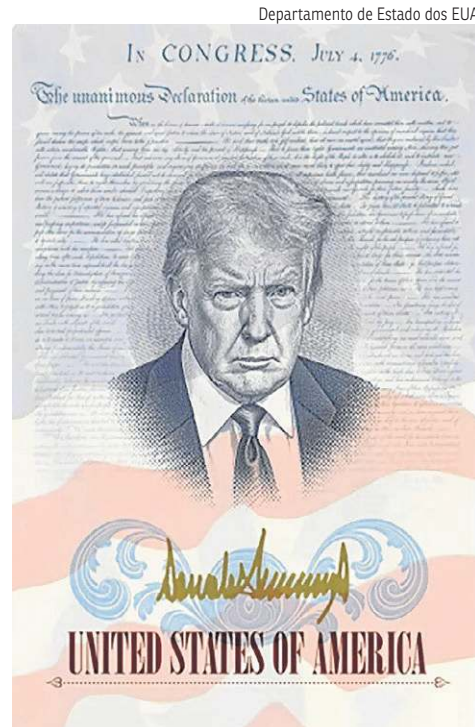
Leitura labial

Mais cedo, ao ser recebido na Casa Branca com 21 tiros de canhões, Charles III escutou um discurso conciliador de Trump. "Nos séculos que se passaram desde que conquistamos a independência, os americanos não tiveram amigos mais próximos que os britânicos", declarou o republicano, na visita que marca o 250º aniversário da libertação das colônias americanas do domínio britânico.

Nicola Hickling, especialista em leitura labial, contou ao jornal *The New York Post* o que Trump e Charles teriam conversado assim que o rei chegou à Casa Branca, na segunda-feira. "Esse tirotoio..." mencionou o americano. O monarca respondeu, com bom humor: "Prefiro não ficar parado aqui por muito tempo". Trump mudou de assunto e falou sobre a Ucrânia. "Neste momento, estou falando com (Vladimir) Putin. Ele quer a guerra", confidenciou o presidente a Charles III.

Retrato no passaporte

A foto de Donald Trump aparecerá em breve em alguns passaportes dos Estados Unidos, em uma edição limitada para comemorar o 250º aniversário da Declaração de Independência que se celebra este ano, confirmou o Departamento de Estado. Um artigo da Fox News, compartilhado por um porta-voz do Departamento de Estado, mostra uma imagem de Trump no passaporte, sobreposta à Declaração de Independência, com sua assinatura abaixo. "Enquanto os Estados Unidos celebram seus 250 anos em julho, o Departamento de Estado se prepara para emitir uma quantidade limitada de passaportes americanos especialmente concebidos para comemorar esta ocasião histórica", disse o porta-voz do Departamento de Estado, Tommy Pigott. Há poucos precedentes modernos no mundo, e menos ainda em uma democracia, de fotos de líderes em exercício que aparecem nos passaportes.



Departamento de Estado dos EUA